

## **CULTURA CORPORAL, PROTAGONISMO E CINEMA.**

Érica Pires do Amaral

EMEF Desembargador Amorim Lima

### **Resumo:**

Este é um projeto desenvolvido na EMEF Desembargador Amorim Lima com os 9ºs anos, no ano de 2015. Iniciado em março e concluído em setembro, surgiu do mapeamento das práticas corporais que cada estudante dominava e/ou vivenciava fora do período escolar. Após este mapeamento, agrupamos essas manifestações em lutas, esportes, danças e ginásticas e agendamos vivências que foram protagonizadas pelos próprios estudantes a partir de um roteiro. Tendo como tema definido para a Festa da Cultura, o Cinema, optamos por registrar alguns movimentos das práticas vivenciadas para a produção de um vídeo, que foi filmado, estrelado e editado pelos próprios estudantes. A exibição aconteceu no dia da Festa.

**Palavras-chave:** cultura corporal, protagonismo, cinema

Este projeto foi desenvolvido na EMEF Desembargador Amorim Lima, na qual leciono, com os alunos dos 9ºs anos, em 2015. Iniciado em fevereiro e concluído em setembro, surgiu a partir do mapeamento das práticas corporais dos estudantes para além dos muros da escola, pressupondo que muitos deles praticavam ou já haviam praticado alguma atividade corporal fora do espaço escolar.

A EMEF Desembargador Amorim Lima tem um projeto considerado inovador na rede municipal de São Paulo, com alguns aspectos peculiares, como ausência de provas e salas de aulas tradicionais. A rotina dos estudantes não é dividida em aulas de 45 minutos, eles tem momentos de estudos no salão com roteiros interdisciplinares, e momentos de aulas específicas (nomeadas de oficinas) com duração de uma hora. No caso da Educação Física, para estudantes de fundamental II, são duas semanais. O que não exclui que a interdisciplinaridade aconteça nestes momentos também, principalmente nas parcerias que se firmam entre nós educadores, ao elaborarmos projetos, por exemplo.

Neste ano, tive meu primeiro contato com os alunos que compunham as turmas de 9º ano do período da manhã, e iniciamos a conversa a partir de duas perguntas que coloquei para os grupos, que foram: 1. O que é Educação Física? E 2. Qual a sua relação com ela? Ficamos em torno de quatro aulas discutindo estas questões, e percebi que para a maioria dos estudantes, a Educação Física estava ligada ao conceito de Esporte. E seu

conteúdo se concentrava principalmente em torno das quatro modalidades: futebol, voleibol, handebol e basquete.

É importante enfatizar que os estudantes em questão tiveram aulas com um único professor nos últimos 5 anos e que, além da limitação da quantidade de práticas, também não houve momentos de participação nos planejamentos, nas aulas ou mesmo em rodas de conversa. O conteúdo era proposto pelo professor e executado pelos alunos, geralmente uma modalidade por bimestre, com aulas bastante diretivas.

A relação do grupo com a Educação Física ia do amor ao ódio. Quem dizia amar, justificava relacionando a prática com seus talentos e habilidades pessoais. Aqueles que diziam não gostar, não sabiam explicar exatamente o porquê, mas evitavam participar das aulas, muitas vezes vindo com trajés considerados inadequados pelo antigo professor, pois assim eram proibidos de participar. A questão do traje adequado era apenas um item das 13 regras que lhes eram dadas prontas e que tinham de ser memorizadas e copiadas no caderno em todo início de ano.

Essas regras apareceram bastante em nossas conversas, então fizemos uma roda para discuti-las. Chegamos à conclusão de que não precisaríamos de regras específicas para a Educação Física, mas que construiríamos nossos combinados e os cumpriríamos de acordo com nosso bom senso. O uso de jeans, brincos ou colares, por exemplo, deixou de ser prática proibida ou permitida, e contamos com o discernimento de cada um de acordo com cada aula. Repetimos este questionamento também com outras regras pré-estabelecidas, como as referentes a água, banheiro, chiclete, palavrões...

Outra questão que ia ficando evidente em nossas conversas era a quantidade de meninas que apresentavam horror às práticas nas aulas com a queixa de que, quando participavam sofriam muito com as reclamações, especificamente de um grupo de meninos; e quando elas erravam ou não jogavam conforme as expectativas deste grupo, baseadas no 'vencer', eram apelidadas de lerdas ou de outros nomes pejorativos e até misóginos.

Conversamos um pouco sobre o que seria a educação física na escola, refletindo sobre o quão importante é a participação de todos, de uma forma justa e respeitosa. Trouxe alguns documentos, como as Orientações Curriculares, e a discussão dos PCNs para apresentar ao grupo, enfatizando a ideia de desvincular a Educação Física das quatro modalidades esportivas já conhecidas. Apresentei, por fim, a proposta de trazer outras

possibilidades para as aulas de Educação Física com maior participação na elaboração de nosso planejamento.

Após essas rodas de conversa, chegamos à alguns consensos, que demarcamos como objetivos comuns:

- Aumentarmos a participação do grupo nas aulas;
- Possibilitarmos a vivência de outras práticas, ampliando as experiências corporais na escola; e
- Construímos momentos mais justos e menos discriminatórios em aula.

Definidos os objetivos, partimos para mapear o que cada um poderia contribuir a partir dos saberes construídos além dos muros da escola, ou seja; que práticas cada um conhecia e/ou dominava, que pudessem ser compartilhadas com o grupo?

Assim, fizemos uma lista com o nome de cada estudante e suas práticas em âmbito pessoal, por exemplo, João faz basquete e luta judô, Maria faz circo, Janaína faz ballet desde os 6 anos, Pedro domina embaixadinhas...

Após este mapeamento, classificamos essas manifestações, apenas para organizarmos um calendário, e as agrupamos em: lutas, esportes, danças, modalidades ginásticas e circenses, e atividades alternativas. E agendamos as vivências que seriam protagonizadas pelos próprios estudantes com a ajuda de um roteiro orientador das discussões. Chegamos a um calendário de práticas para cada turma, e sugerimos as questões do roteiro para iniciarmos nossas reflexões.

Roteiro orientador das discussões:

1. Qual a manifestação/modalidade estamos tratando? Qual seu histórico? Origem?
2. Quais principais regras e fundamentos? O que é básico e principal para se aprender?
3. Como adaptar esta prática ao contexto de nossas aulas?
4. Em nosso país, essa prática é valorizada?
5. Existe essa manifestação em nossa comunidade/bairro? Onde podemos acessá-la?
6. Como é a participação e a valorização das mulheres nessa modalidade?

Começamos nossas práticas com as modalidades de luta e, a cada encontro, um ou mais estudantes traziam a ideia da vivência e, ao final, fazíamos uma roda para

levantarmos alguns pontos de reflexão. Tivemos em Lutas, vivências interessantes de Kung Fu, Kick Boxe, Capoeira, Muay thai, Aikidô e Judô; Em Esportes, vivenciamos o Rugby, o Flag, brincamos de futebol freestyle e Atletismo; Nas danças praticamos um pouco de Ballet, Contemporânea, e Dança do ventre; Em modalidades ginásticas e circenses, construímos pirâmides humanas, praticamos equilíbrio no slackline e ginástica de solo; e nas Alternativas, realizamos uma aula de Parkour e skate com a contribuição dos skatistas do grupo, que traziam seus skates e iam revezando e ajudando seus colegas.

E esta foi a dinâmica dos nossos encontros no primeiro semestre. Alguns estudantes participaram ativamente desses momentos, inclusive se disponibilizando a fazer as vivências no outro grupo. E antes do recesso fizemos uma roda para definirmos juntos os encaminhamentos do nosso projeto de Educação Física para a Festa da Cultura.

A Festa da Cultura, é um grande evento que mobiliza toda a comunidade escolar em torno de um tema sugerido e eleito pelos estudantes, que em 2015 foi “Cinema”.

Deste modo, encaminhei a seguinte questão ao grupo: “Como nosso projeto poderia contribuir com o tema da Festa da Cultura e como este tema poderia contribuir para o nosso projeto?”

Trouxe algumas ideias, como por exemplo, de relacionar nossas práticas a filmes diversos, levantando reflexões e discussões para pensarmos num produto final para a nossa Mostra. Entretanto, muitos estudantes estavam empolgados com a possibilidade de filmar e produzir algo. E optamos então por registrar, a partir de filmagens com mídias acessíveis, como celulares, algumas cenas produzidas nas práticas durante as nossas oficinas.

Paralelamente aos momentos da Educação Física, os estudantes estavam imersos no tema em outros momentos, desde o início do ano tivemos assessoria de um pai de aluno que é cineasta e que nos ajudou com oficinas de audiovisual, efeitos especiais, trilha sonora, edição, roteiro, animação. Os estudantes também tiveram sessões na escola e em cineclubes, além de participar de bate-papos sobre o tema em seus momentos de tutoria.

Após o recesso, iniciamos nossas filmagens em aula. Os estudantes se organizavam em grupos ou duplas, escolhiam uma modalidade vivenciada, planejavam a cena, escolhiam o cenário, e punham-se a filmar com seus celulares ou câmeras trazidas de

casa. Filmavam, assistiam, apagam, refaziam...enfim, a linguagem do Cinema surgia a partir do protagonismo que se fez também no registro de cada um, que iria compor um registro coletivo.

Um estudante ficou responsável por receber as imagens de todos e, com ajuda de dois colegas, se comprometeu a editar o produto final.

Nosso 'curtíssima metragem' foi exibido durante a festa da Cultura. Fizemos uma escala com os estudantes para cuidar do espaço e receber o público, explicando nosso projeto de Educação Física. Nossa exposição era permanente durante toda a festa e aconteceu em uma sala que ambientamos com alguns equipamentos de atividades físicas, como step, ergométrica, pesos, colchonetes. A proposta era que funcionasse como uma mostra interativa, onde as pessoas pudessem assistir ao filme fazendo, ou não, alguma atividade física.

### **Considerações:**

Ao encerrarmos o projeto com a Mostra na Festa da Cultura, pudemos pensar um pouco sobre o que esta experiência nos possibilitou. Nossa primeira roda após a festa foi um momento avaliativo, e cada um pôde expressar o que achou do processo e produto final, que foi visto pela maioria somente no dia da Festa.

Num primeiro momento ficamos com as considerações negativas, que foram surgindo na conversa. Foram levantados alguns pontos, como a falta de compromisso de alguns colegas no dia da mostra, por não cumprirem seu horário pré-estabelecido. Tivemos também algumas críticas com relação à edição da filmagem, que cortou momentos importantes de nossas práticas, excluindo muitas cenas que representavam boa parte da cultura corporal daquele grupo.

Por outro lado, julgo que tivemos muito mais pontos positivos durante todo o percurso. Podemos considerar, por exemplo, que conseguimos atingir nossos objetivos iniciais, pois aumentamos a participação do grupo nas aulas, e não só em termos quantitativos, mas principalmente qualitativos, chegando ao protagonismo a que nos propusemos, de participação ativa, autônoma e mais justa, trazendo vozes dos que estavam antes silenciados.

Protagonismo, é um termo muito utilizado também no Cinema, fazendo referência ao personagem principal da encenação. Aqui no caso, tivemos a intenção de referir à participação ativa, ocupando uma posição de centralidade nas ações, sem no entanto remeter ao individualismo e sim à coletividade.

Aumentamos as experiências corporais na escola, o que possibilitou que as meninas, por exemplo, pudessem ser as autoras de práticas nunca antes vivenciadas naquele grupo.

Alguns momentos foram bem marcantes, como uma aula de ballet, ministrada por uma colega que se recusava a fazer Educação Física por não ter nenhuma afinidade com atividades esportivas, e todos os meninos participando e citando um jogador de futebol como exemplo de praticante de ballet nos seus treinos. Nas aulas de futebol freestyle, tivemos brigas “desengasadoras”, onde as meninas puderam denunciar o machismo de seus colegas, do futebol e da sociedade. Vivenciamos uma aula de capoeira elaborada e protagonizada por um aluno com Síndrome de Down e todos participaram com interesse e muito respeito. Em outra situação, uma aluna portadora de deficiência, que antes passava longe das quadras, interessou-se por lutas e matriculou-se nas aulas de Judô do Clube Escola.

Pudemos presenciar algumas atitudes muito bacanas durante o processo, como a parceria e o compromisso de muitos estudantes, que acabavam influenciando seus colegas, cobrando a participação daqueles que ainda não tinham se responsabilizado com o projeto. Uma vez, por exemplo, me atrasei e encontrei os estudantes já organizados e com a aula de Kung Fu já iniciada. Outra vez, presenciei os alunos se organizando após a aula para formar uma pirâmide “recorde” com o maior número de integrantes. Também presenciei os estudantes do 9º ano ajudando outros estudantes a andar no slackline que ficava estendido durante os intervalos.

A temática do Cinema na escola nos trouxe experiências riquíssimas com várias possibilidades de ampliar repertórios culturais, desencadear novas sensibilidades. O fato de produzir nosso próprio filme implicou uma nova forma de conhecimento, de expressão e de comunicação aproximando educação, arte e cultura através de um processo coletivo e intencional. Para Fantin (2006), fazer audiovisual na escola pode significar uma síntese entre educar para a linguagem, conhecer fazendo e aprender cooperando, valores que podem ser trabalhados quando se discute a necessidade de orientações didáticas na abordagem operativa para a linguagem das mídias na escola.

Para finalizar, avalio que busquei valorizar a prática corporal dos alunos, trazendo à tona questões antes não abordadas, como a hierarquia que era imposta nas práticas da Educação Física, a hegemonia dos meninos sobre as meninas, do esporte sobre as outras manifestações da Cultura Corporal, e tirando o aluno da condição de espectador/consumidor e o colocando como autor, produtor de conhecimento e cultura. Penso que trouxemos uma desestabilização ao que o grupo vinha entendendo enquanto Educação Física Escolar. E este foi, sem dúvida, o melhor ‘prêmio’.

### **Referências:**

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental - (Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais). Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: Educação Física. São Paulo: SME/DOT, 2007.

FANTIN, Monica. *Crianças, cinema e mídia-educação: olhares e experiências no Brasil e na Itália*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.